

A PESQUISA ARQUEOLÓGICA NA CASA DA FUNDIÇÃO DO OURO DE GOIÁS, GO

Catarina Eleonora E. da Silva^{*}
Maria Lucia F. Pardi^{**}

Apresentação

A 8.a Diretoria Regional da SPHAN/FNPM desenvolve um amplo programa de atuação no núcleo histórico tombado da cidade de Goiás, antiga capital do Estado.

A "Casa da Fundação do Ouro" é elemento desse núcleo e devido ao seu precário estado de conservação foi retomada pela União para ser restaurada, obra que está atualmente em andamento.

O projeto de restauro da Casa (REIS, 1982) indicava a necessidade de prospecções arqueológicas que foram realizadas pela equipe de arqueologia da própria Regional com o apoio do Escritório Técnico da SPHAN/FNPM em Goiás.

Esse trabalho visa apresentar os primeiros resultados das pesquisas arqueológicas empreendidas no local.

Introdução

O potencial informativo diversificado que poderia oferecer a Casa da Fundação, a ausência de informações históricas sobre determinados aspectos da ocupação desse sítio e as recomendações do projeto de restauro nos levaram a empreender no local - a partir de prospecções positivas - uma pesquisa arqueológica sistemática.

A proposta inicial de trabalho estava amarrada ao aspecto arquitetônico: testar hipóteses sobre a origem e a evolução da edificação atendendo fundamentalmente a questões colocadas no projeto de restauro.

Entretanto, a expressividade dos restos materiais encontrados introduzia uma dimensão suplementar modificando a problemática inicial da arqueologia, para um enfoque mais antropológico, o que enriquecia consideravelmente o saber suscetível de ser mobilizado.

Adotar-se-ia a posição defendida por Dickens que entende a Arqueologia como a disciplina científica que utiliza os restos materiais para compreender o funcionamento de sociedades humanas específicas e da cultura em geral; a abordagem arqueológica torna-se assim válida para o entendimento de qualquer sistema comportamental, passado ou presente (DICKENS, 1982: VI citado em LIMA 1985:1).

Nesse sentido, ficava patente também que a Casa da Fundação do Ouro não deveria ser analisada só no contexto do núcleo urbano maior do qual é peça fundamental durante parte de sua história, mas considerando-a também em suas relações com o exterior - sociedades indígenas vizinhas e centros urbanos como o Rio de Janeiro, por exemplo, com os quais manteve contatos diretos.

II. Histórico

As minas de ouro de Goiás foram descobertas em 1725, por Bartolomeu Bueno da Silva que funda às margens do Rio Vermelho o arraial de Sant' Ana, núcleo inicial da atual cidade de Goiás. Nas proximidades surgiram, às margens de córregos e rios, numerosos outros arraiais que se torna-

^{*} 8ª DR / SPHAN / FNPM – MinC

^{**} SPHAN / FNPM MinC em Cuiabá, MT.

ram centros de garimpagem: Barra, Ferreiro, Anta, Ouro Fino, Santa Rita, etc. A chegada de novas lavras de exploradores e a conseqüente disseminação das lavras provocaram o gradual crescimento do arraial que, em 1739, é elevado à condição de Vila Boa de Goiás (PALACIN, 1975:10).

A criação da Capitania de Goiás e a escolha de Vila Boa como sua capital data de 1748, quando Dom Marcos de Noronha, Conde dos Arcos, é designado como seu primeiro governador. A implantação do governo autônomo exige a instalação de diversos serviços destinados à administração, fiscalização e proteção dos negócios da coroa portuguesa. Entretanto, em concorrência com a força da mão-de-obra ocupada nas minas, o governador é obrigado a adquirir imóveis a terceiros e adaptá-los aos fins requeridos.

A promulgação da lei real das Casas de Fundição (dezembro de 1750) substituindo a capitação, antigo sistema de coleta do quinto, obriga o governador a providenciar a rápida instalação da Casa da Fundição de Ouro em Goiás. Entretanto, o elevado custo da construção das "casas necessárias para o labor da fábrica e a acomodação dos materiais, além da que deveria haver para a residência do Intendente" fazem-no optar pela compra de cinco moradas de casa de propriedade de Domingos Lopes Fogaça; nessas casas serão instaladas, após obras de adaptação, além da Fundição, a residência do seu Intendente, e o novo Palácio, residência do governador.¹

A lei determinava que 1/5 de todo o ouro extraído deveria ser entregue à Casa de Fundição para ser fundido em barras e cunhado com as armas reais. Portanto cabia à Casa da Fundição, receber o ouro em pó das lavras, determinar o seu quilate (através do processo da copelação), separar o quinto real, fundir o ouro e moldá-lo em barras, aplicar-lhes as armas reais e por fim, emitir uma guia de arrecadação correspondente.

A casa da Fundição do Ouro de Goiás começa a funcionar em 1º de janeiro de 1752; a partir de 1754, passará a dividir o trabalho de coleta do quinto com a recém-criada Casa de Fundição de São Félix que atenderá a produção do norte da capitania.

Em Goiás foi explorado unicamente o ouro de aluvião e a técnica empregada era bastante rudimentar. Embora não se conservem registros das lavras nem de sua produção e os registros do quinto não estejam completos, a produção de ouro em Goiás -com base nos dados conhecidos foi de aproximadamente 20.000 kg, sendo, portanto, para um período de 100 anos, a produção declarada de 100.000 kg (PALACIN, 1975:21).

A produção não foi uniforme: desde a descoberta das minas até 1753, ela subiu de forma constante, tendo registrado naquele ano uma produção de 3.060 kg, após o que começa a cair; em 1778, a produção é de 1.090 kg; em 1.800, caía 425 kg e em 1882, a produção é de apenas 20 kg (PALACIN, 1975:21).

A época do ouro foi intensa e breve; após 50 anos, verificou-se a decadência rápida da mineração.² Entretanto, a Casa da Fundição só foi desativada em 1883 (BERTRAN, 1987).

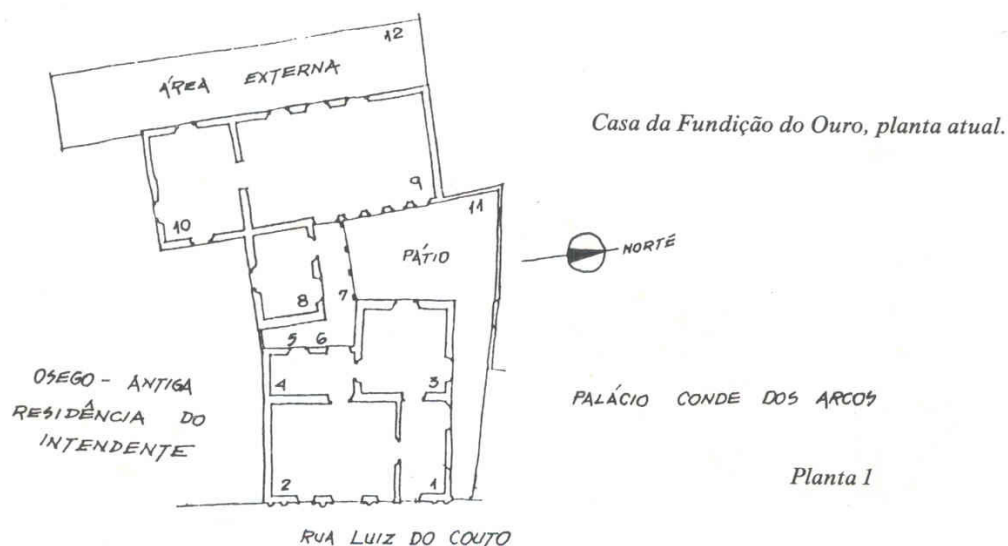
Um documento de 1850 informa que, no galpão onde funcionaram as forjas da Fundição, continuava instalada a Tipographia Provincial tendo sido a edificação da frente alugada a um Professor de primeiras letras.

Com a eclosão da Guerra do Paraguai, a casa foi utilizada como depósito de armamentos bélicos (1865/1890).

A partir de 1890, instala-se no local a sede da Justiça Federal de Goiás que ali permanece até

¹ Carta de Dom Marcos Noronha ao Rei datada de 18 de janeiro de 1751 (citada em MATTOS & BERTRAN 1987) e documento de avaliação da Casa da Fundição (1852).

² "As jazidas de Goiás eram jazidas sedimentares de ouro de aluvião e davam lugar ao que se chamava a 'mineração de cascalho'; o ouro, levado pela chuva, fica depositado no cascalho, no fundo dos córregos e rios. O trabalho do mineiro consiste em arrancar o cascalho e peneirá-lo para que o ouro mais pesado que a areia, fique depositado no fundo. Para retirar o cascalho aurífero, às vezes coberto por outras camadas sedimentares, costumava-se cercar e secar uma parte do rio, ou desviar a corrente, ou, em formas mais elementares, retirar o cascalho do fundo da água..." (PALACIN, 1975: 15).



a mudança da capital para Goiânia em 1937. De 1948 a 1980, a Casa é cedida à Associação Feminina Goiás Club que ali promove festas e representações teatrais.

III. Descrição da casa

A "Casa da Fundação do Ouro" se compõe de duas edificações separadas por um pátio interno. Ao fundo, uma área descoberta, estreita e alongada, a separa dos jardins do Palácio Conde dos Arcos.³ A área total do sítio é de 645,55 m. Está parcialmente geminada ao que foi a residência do Intendente e é separada do Palácio por um corredor lateral. Durante algum tempo, existiu uma comunicação entre o palácio e a fundição, aberta provavelmente à época da adaptação da casa; há notícias que por volta de 1760, após uma devassa, a passagem foi fechada (ver MA TTOS & BERTRAN: 1987).

A planta atual da casa (planta 1) mostra, no corpo principal,⁴ quatro cômodos que se comunicam entre si: um vestíbulo e um salão de frente para a rua, um cômodo com janelas voltadas para o pátio e o corredor lateral, e um cômodo menor, sem janelas, com porta abrindo para o alpendre que une os dois corpos da casa. O corpo interior é composto de um grande galpão com um acréscimo em sua extremidade sul onde se encontrava montado um palco remanescente da época do Goiás Club; uma pequena abertura (recente) liga este galpão a um cômodo menor que lhe é perpendicular com uma janela gradeada e uma porta voltada para o pátio.

A construção original do século XVIII é de taipa de pilão sobre alicerces de alvenaria de pedra. Em 1922, as paredes do corpo principal foram alteadas com adobes e o sistema de cobertura modificado; foram reconstruídas as fachadas principal (em estilo eclético, com predominância de elementos decorativos neo-clássicos, adaptando-a ao gosto do momento) e a do corpo interior, por estar arruinada. Em 1955, foi construído um alpendre ligando os dois corpos da edificação e montado um palco na extremidade sul do galpão (REIS, 1982). Os dois corpos da casa receberam pi-

³ A feição atual dessa área é resultante da desativação da Casa da Fundação no início do século XIX. O muro divisório atual é um limite recente; no século XVIII, esse limite era "com o beco de traz da Matriz" o que estendia essa área a cerca de 40 metros em direção oeste (c! documento de avaliação das Casas, 1852).

⁴ Conservaremos a terminologia utilizada no projeto de restauro (REIS, 1982) para a descrição da Casa. Assim, chamaremos de corpo principal a edificação da frente com fachada para a rua e de corpo interior o galpão dos fundos com planta em forma de T. Os cômodos e áreas serão designados por números de 1 a 12.

so de madeira por ocasião da reforma de 1922; o pátio interno e o alpendre encontravam-se cimentados.

As pesquisas arqueológicas na Casa da Fundição e o levantamento arquitetônico da casa onde residiu seu intendente reforçaram a hipótese que duas das cinco casas compradas a Fogaça, em 1751, tinham a fachada voltada para a Rua da Fundição (atual Luiz do Couto), uma na esquina com a praça e a outra no lote acima; as três casas restantes ficariam voltadas para o largo da Matriz (planta 2).⁵

Nessa hipótese, as duas edificações que compõem a Casa de Fundição não seriam contemporâneas; outros indícios, a favor dessa hipótese, são a situação do corpo interior da Casa, fora do alinhamento geral das outras casas, implantadas na divisa dos lotes com a rua e sua posição oblíqua em relação às outras edificações.

Outro dado importante é um documento de 1751 informando sobre a necessidade de comprar mais 20 palmos de terreno (mais ou menos 4 metros) para instalar o "lavor da fábrica" devido à exigüidade dos locais adquiridos a Fogaça; essas dimensões são coincidentes com a do trecho ampliado no corpo principal da casa (vide elementos arquitetônicos).

Essas edificações ocupam um dos primeiros locais escolhidos para o assentamento do núcleo urbano de Vila Boa, em terreno alto e acidentado, livre, portanto, de enchentes. Data dos anos 1730/1740 a definição da conformação do espaço urbano do arraial e de suas primeiras edificações mais sólidas; igrejas Matriz e do Rosário, primeira Casa de Câmara e Cadeia, Intendência...(ver GALVÃO & BERTRAN, 1987).

Não restaram indícios nessas duas edificações de fornos, chaminés ou coifa, ou qualquer outro equipamento que remeta à época da Fundição.

A análise da planta da casa - dois corpos distintos separados por um pátio interno - sugere que no corpo principal teria funcionado a parte administrativa, a intendência do ouro, enquanto que no galpão do fundo estariam instaladas as oficinas (REIS, 1982).

Os raros exemplares atualmente conhecidos de Casas de Fundição do Ouro são edificações de dois pavimentos; o pavimento superior era utilizado como residência do intendente, enquanto que no térreo, voltadas para a rua, funcionavam as áreas de atendimento e administração, as oficinas se distribuíam em torno de um pátio interno, caso da "Casa da Moeda" do Rio de Janeiro e da Casa da Fundição do Ouro de Sabará, M G.

Segundo a descrição de Eschwege, "a organização das casas de fundição é excepcionalmente simples; o pessoal, porém, é numeroso e complicado. Há os escritórios, onde o ouro levado pelos mineiros é pesado e quintado; o forno refratário, onde é fundido e, em seguida, restituído; uma câmara de ensaio, onde é provado, por meio de risco, ou de copelação, ou ainda de inquantação" (PALACIN, 1927:69).

O processo de fundição é bastante simples e rudimentar segundo técnicos da METAGO, Metais de Goiás. A primeira etapa é, a partir de uma amostra de minério, fundi-la para, através da copelação, determinar o quilate do ouro. Procedia-se à fundição para extrair as impurezas naturais e/ou o mercúrio da amalgamação usado habitualmente em campo pelo garimpeiro para a separação das outras impurezas. Os técnicos esclareceram ainda que, para as operações de fundição e de copelação, seriam necessários, no mínimo, dois fornos.

IV. Etapas de trabalho realizadas e metodologia

A quase totalidade do sítio foi escavada (exceto os cômodos 5 e 6 devido à infiltrações de água), sob um quadriculamento de referência, pela combinação de níveis naturais e artificiais. Na grande maioria dos casos, abriram-se superfícies amplas. A técnica da decapagem mostrou-se eficaz

⁵ Reconstituição a partir da planta original do primeiro Palácio (1742) e dos levantamentos atuais do Palácio Conde dos Arcos, da Casa da Fundição e da OSEGO, antiga residência do Intendente; montagem elaborada pelo Arquiteto Antonio Sérgio de Mattos.



no sentido de detectar estruturas que, por outros métodos, fatalmente ficariam ocultas e também possibilitar o levantamento de associações espaciais entre os diversos vestígios nos níveis de ocupação evidenciados.

Os artefatos e outros restos materiais encontravam-se esparsos por toda a casa, nos diferentes níveis estratigráficos e no interior de elementos arquitetônicos "fechados" (tais a "agoada", canaletas, poços).

O material coletado foi registrado separadamente, por trincheiras e/ou quadrículas, conforme os diferentes níveis, ou ainda respeitando os limites naturais das estruturas fechadas.

Em laboratório procedeu-se, até o momento, à limpeza, triagem por categorias, inventário e marcação dos vestígios coletados.

Algumas peças de cerâmica e vidro, bem como alguns cadinhos de grafite procedentes de um tanque de escoamento de água na área externa, foram restaurados e se encontram expostos no momento no laboratório de arqueologia do Escritório Técnico da IPHAN/FNPM em Goiás. Parte do acervo coletado e do trabalho realizado já figurou em duas pequenas mostras locais em atendimento ao grande interesse despertado pelo trabalho junto à comunidade vilaboense.

V. Dados arqueológicos

Apresentaremos, a seguir, sucintamente, os dados arqueológicos mais significativos levantados, de forma a permitir a melhor compreensão do item seguinte no qual apresentamos os resultados preliminares e propomos uma análise evolutiva da edificação e da organização espacial da Casa da Fundição do Ouro no período de 1752/1833.

1. Estratigrafia

Trata-se de um sítio de estratificação relativamente simples: o substrato rochoso aflora em alguns pontos (casos dos cômodos 3, 9 e área externa e pátio) determinando o nível da primeira ocupação. É constituído de xisto betuminoso em diferentes graus de compactação: em alguns locais parece estar se decompondo e em outros, excrescências da rocha foram talhadas para regularizar o nível (cômodo 9); canaleta e poço foram escavados em blocos mais friáveis.

Para regularizar o embasamento esse substrato foi parcial ou totalmente recoberto com entulho constituído de diferentes tipos de sedimento alguns arqueologicamente estéreis e outros com materiais culturais.

As análises químicas realizadas na METAGO⁶ revelaram elevados teores de ouro em sedimentos contaminados por refugos de atividades desenvolvidas na fundição; as amostras 15 (estrutura de combustão no cômodo 9), 11 (área 11) e 9 (área 12) continham, respectivamente, 96,50 ppm, 158,50 ppm e 47.652 ppm (a amostra padrão do substrato do cômodo 3 forneceu 0.10 ppm).

2. Elementos arquitetônicos e estruturas em geral

Na planta 3 dos elementos arquitetônicos evidenciados no nível inferior, chama a atenção a ausência de qualquer vestígio construído no cômodo 2. Eles se concentram a partir dali do muro que corta o cômodo 3 de norte a sul: no trecho ampliado desse cômodo 9 e, sobretudo na área externa.

Esse alicerce [nº 3]⁷ constitui sem dúvida o primitivo alicerce de uma das casas compradas para instalar a Casa da Fundição de Ouro.

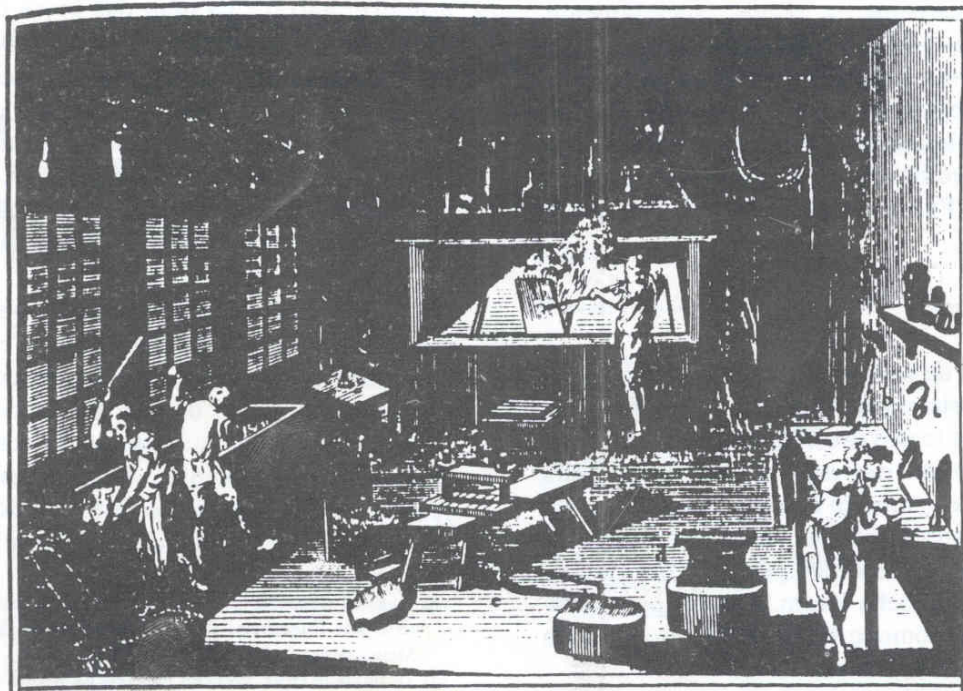
⁶ Análises realizadas pela Geóloga Heloisa Helena A. H. da Silva e pelo Engenheiro Químico Hélio Garcia da METAGO, Metais de Goiás. Goiânia.

⁷ Os números entre colchetes remetem às plantas dos elementos arquitetônicos evidenciados.



Foto M^{te} Lucia Pardi

Foto 1: Elementos arquitetônicos arqueológicos evidenciados no cômodo 3.



Forno para fundir ouro; detalhe da prancha I da Enciclopédia.

No trecho ampliado foram evidenciados: um embasamento quadrangular de pedras com canaletas associadas a um piso tipo pé de moleque [respectivamente nº s 5, 7 e 4] (foto 1). Nas paredes, óculos para garantir a iluminação e ventilação do ambiente mantendo a segurança do local.

É plausível que esses vestígios pertençam a uma oficina ou local de atividades de caráter não doméstico, pois além de não se conhecerem exemplos desse tipo de piso no interior de residências na cidade, sua associação com os mencionados óculos é inédita. Além do mais, a morfologia e as dimensões dos vestígios são próximas às de um forno de fundição do século XVIII como pode ser observado em uma gravura da Enciclopédia francesa.

A ausência, no solo e nas paredes, de marcas de queima e da ação do calor ou de qualquer resíduo de materiais utilizados na fundição pode ser devida a reformas posteriores como atesta o reaproveitamento de materiais observado na parede norte que teve um vão emparedado com pedras calcinadas.

A canaleta escavada na rocha [nº 6], que passa sob esses elementos arquitetônicos é anterior a eles por não ter sido seccionada pelas paredes; foram remontados fragmentos de uma mesma malga de faiança chinesa recuperados em diferentes pontos dessa canaleta (foto 5).

Poderiam pertencer a uma construção anterior aos alicerces de muro e/ ou paredes [nº 1] evidenciados no ângulo NE do cômodo 1, se considerarmos seu alinhamento em relação aos limites da construção conhecida e sua posição estratigráfica.

Outros vestígios de piso evidenciados: marcas de lajes ficaram impressas no contrapiso do cômodo 9 e restaram alguns pedaços de lajes e cunhas [nº 4 - planta 5] (foto 3); blocos de pedra alinhados e nivelados no cômodo 8 sugerem também um piso [nº 16 -planta 3].

O sistema de escoamento de águas (canaletas, tanque de escoamento e galeria) detectado no cômodo 9 e área externa pertencem ao nível mais antigo de ocupação da área e poderiam ter ligação com a "famosa agoada" que nascia no quintal do primeiro palácio e corria em diferentes direções (planta 2 e foto 2) (nº s 12, 21 e 23 planta 3).

Os vestígios arquitetônicos evidenciados no nível intermediário da área externa restos de um piso de pedras, um portal de madeira tombado -são posteriores à desativação da Casa da Fundição (vide planta 4) (foto 4).

Nos níveis superficiais temos elementos relativos ao escoamento de águas pluviais: calçada de lajes e canaletas [nº 6 -planta 5]; são contemporâneos e ao alteamento do portal de acesso à área externa e possivelmente ao piso de tábuas nos corpos internos e principal; o pátio e o alpendre eram então lajeados.

3. Artefatos e demais restos materiais móveis

Os artefatos e outros restos materiais encontravam-se esparsos por toda a casa nos diferentes níveis estratigráficos e no interior das estruturas fechadas (tanque de escoamento de água, poços, canaletas, etc.)

Esses vestígios foram inventariados utilizando como critério classificatório a matéria-prima devido à maioria deles serem constituídos de um único material, o que facilitava ainda o tratamento e a estocagem; foram distribuídos nas seguintes categorias: cerâmica (distinguimos a terracota, a faiança e a porcelana), metal, vidro, osso, dente, pedra e diversos.

Essas categorias podem abrigar os mais variados tipos de objetos: alguns de fabricação local, outros de procedência estrangeira, fabricados artesanalmente ou industrializados.

Assim, na categoria metal temos: fivelas, botões, pulseira, agulha, cravos, pregos, cartuchos de bala, grãos de ouro, mercúrio de peças não identificadas. Na categoria cerâmica, há peças de terracota como painéis de barro, cadinhos mistos, telhas, mezanetas e fragmentos de utensílios de uso doméstico em faiança e em porcelana de procedência estrangeira dos séculos XVIII e XIX; algumas marcas indicam a procedência inglesa (Leeds Pottery , Davenport) e francesa (Villeroy & Boch, Faïencerie de Gien) da maioria delas.

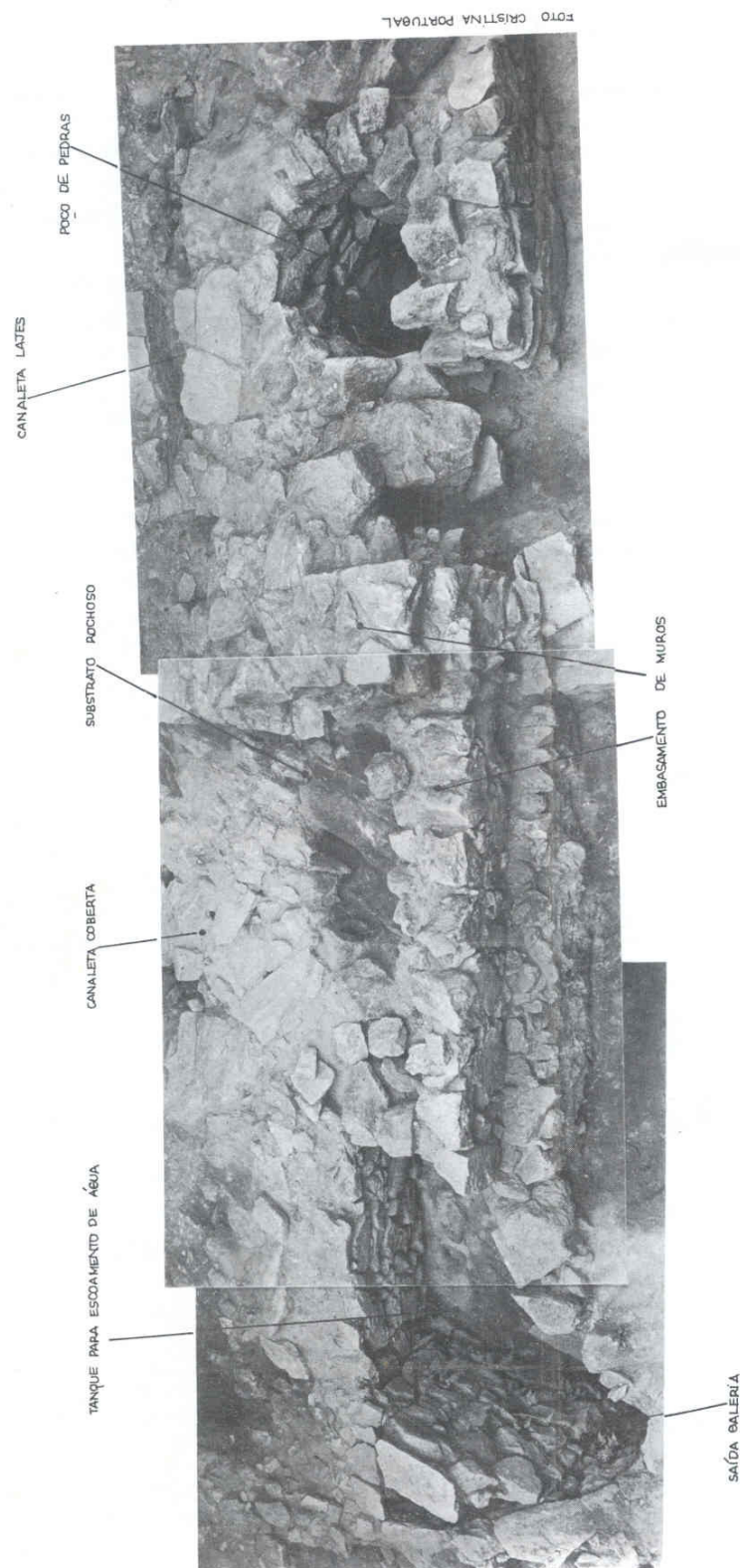
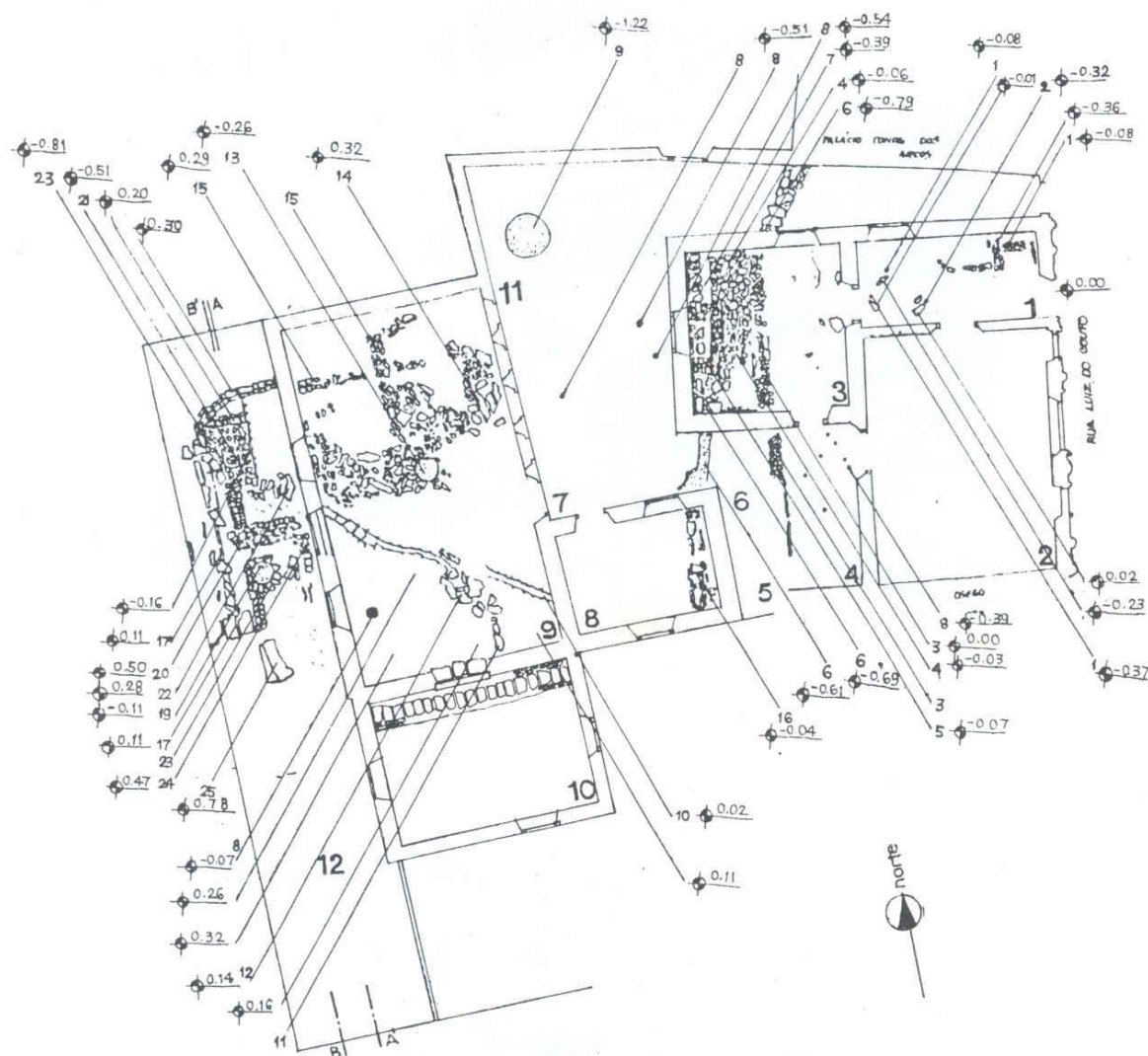


Foto 2: Vista parcial da área externa terminadas as escavações arqueológicas.



PLANTA 3

Elementos arquitetônicos evidenciados

1. alicerces muros.
2. buraco de esteio assoalho e lajes.
3. alicerce.
4. piso pé-de-moleque.
5. alicerce quadrangular.
6. canaleta escavada na rocha.
7. canaleta construída sobre o substrato.
8. buracos de esteio.
9. poço escavado no substrato.
10. canaleta construída sobre o substrato rochoso.
11. blocos de pedra em semi-círculo
12. canaleta com fundo de lajes.
13. estrutura de combustão.
14. piso?
15. alicerces?
16. piso?
17. canaleta de telhas abertas de lajes.
18. lajes em posição vertical.
19. poço construído sobre o substrato.
20. embasamento de muro.
21. "Agoada".
22. lajes recobrindo canaleta procedentes do cômodo 9.
23. galeria de escoamento.
24. canaleta sobre o substrato.
25. bloco rochoso talhado em uma das faces.

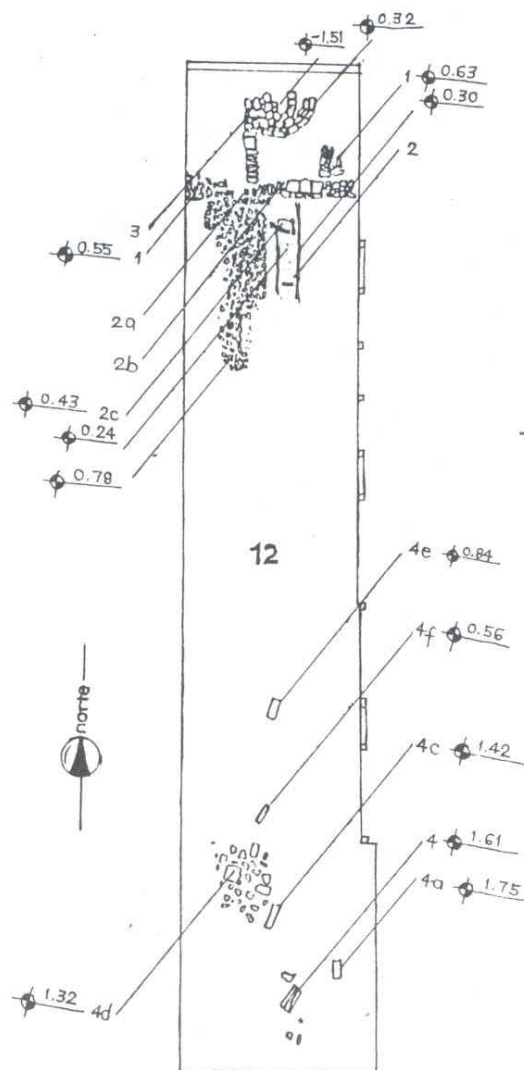
Fotos Catarina E. F. da Silva



Foto 3: Marcas de lajes no contrapiso do cômodo 9.



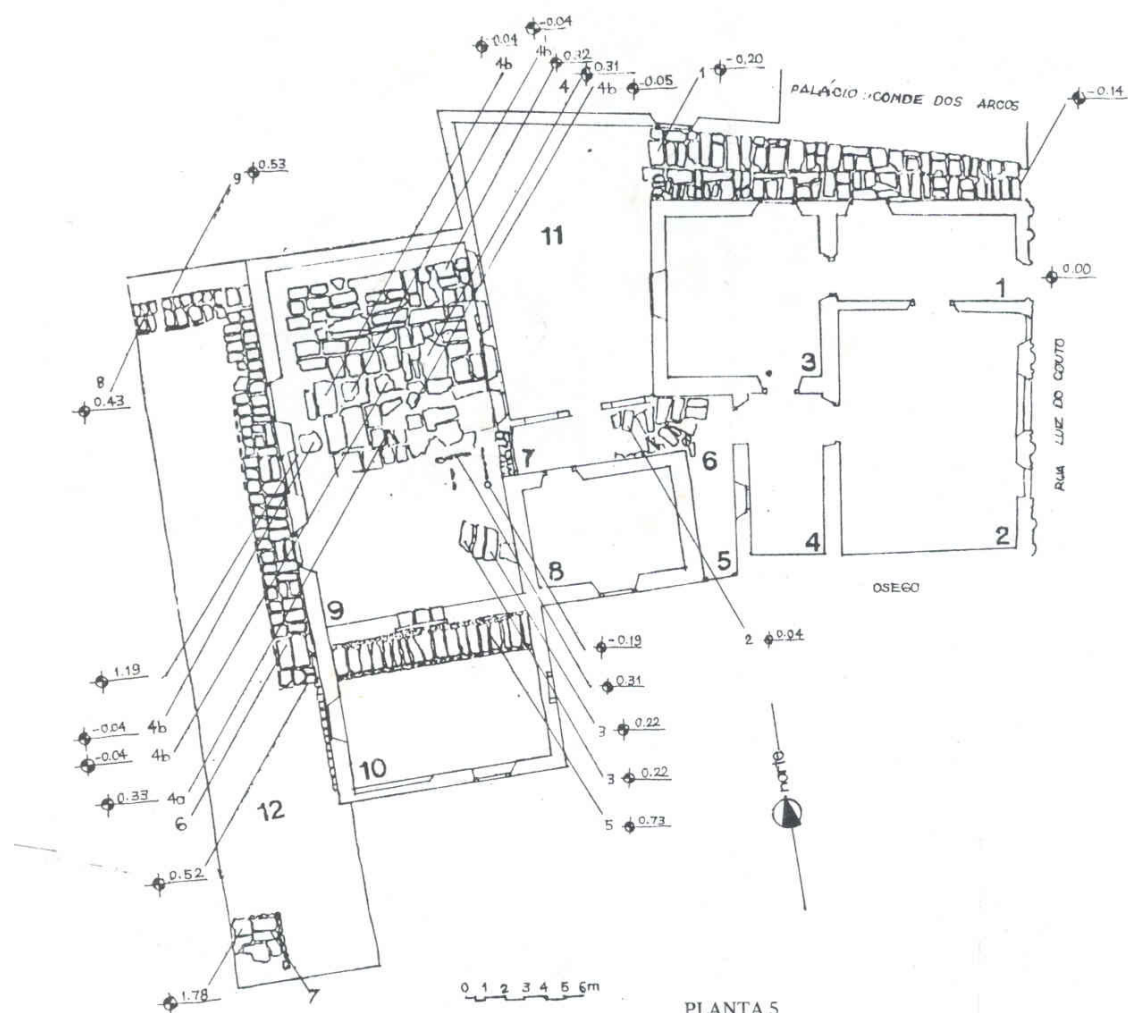
Foto 4: Portal de madeira tombado e piso de pedras.



PLANTA 4 ÁREA EXTERNA

Elementos arquitetônicos evidenciados

- 1. piso
- 2. portal de madeira
- 2a. esteio
- 2b. baldrame
- 2c. embasamento de muro ou de parede
- 3. poço
- 4. 4a/4f elementos de canalização em pedra sabão



PLANTA 5

Elementos arquitetônicos evidenciados

1. piso de lajes.
2. piso de lajes.
3. canaleta coberta construída sobre o substrato.
4. marcas de lajes no contrapiso.
- 4a. lajes e cunhas
- 4b. buracos
5. canaleta coberta.
6. calçada de lajes.
7. lajes sobre alicerces de pedra; esteio de madeira com dobradiça
8. canaleta descoberta
9. cimentado

Fotos Catarina E. F. da Silva



Foto 5: Malga de faiança chinesa do gênero Swaton século XVIII (BRANCANTE, 1980: 337)

Fotos Catarina E. F. da Silva

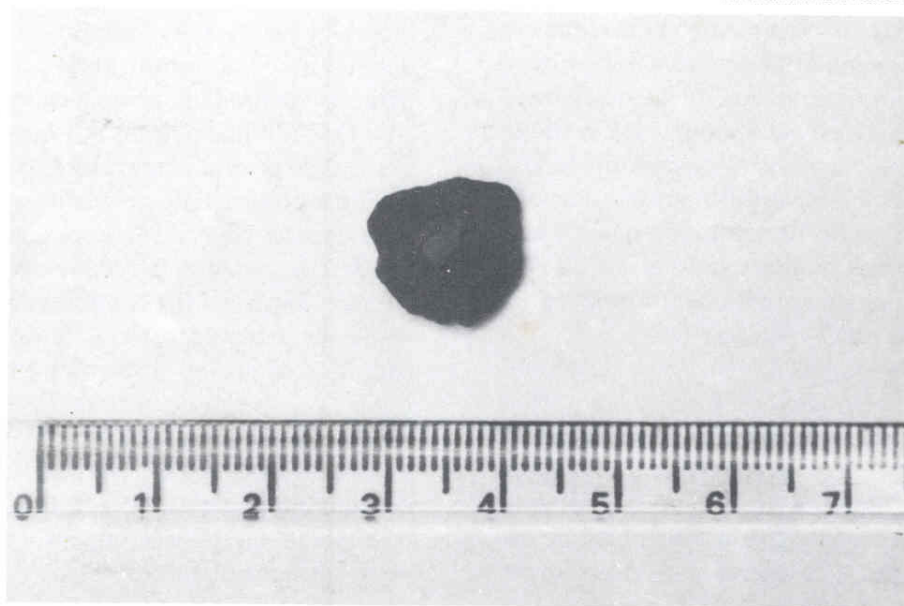


Foto 6: Pederneira de sílex de fabricação nacional de tipo Gunspall para fechos "snafans" (cf. identificação Eliethe MAXIMINO)

Os fragmentos de porcelana são de procedência chinesa do tipo exportação e conhecido como "Louça de Macau" com decoração azul sobre fundo branco azulado; temos também alguns tipos policromados.

Em vidro, há garrafas de diferentes formas e tamanhos, copos de cálices de procedência provavelmente portuguesa e numerosos fragmentos de placas de vidraça coloridas.

Em pedra, foi identificada uma pederneira de sílex do tipo Gunspall, possivelmente de fabricação nacional (cf. identificação da Arqueóloga Eliethe P. Maximino). Há vários elementos de canalização de água talhados em pedra sabão, como canaletas e uma bica decorada com um florão.

Na categoria dos vestígios ósseos encontramos e grande quantidade de ossos de mamíferos em fragmentos crus, queimados e cortados; há também ossos de pássaros, aves e roedores. Os dentes pertencem também a roedores e mamíferos.

Entre os objetos classificados nos "diversos", há material industrializado moderno como pente de plástico, papéis de bala, canudinhos, e material procedente da Fundição como os cadinhos de grafite, as copelas de farinha de osso e as borras⁸ de fundição.

Numa primeira etapa os vestígios foram classificados e contados, com a finalidade de permitir a posterior identificação desse material no plano de seu significado temporal, espacial, funcional e tecnológico.

Os resultados dessa contagem estão discriminados no quadro da página seguinte.

VI. Resultados preliminares

As associações observadas entre os vestígios móveis, os elementos arquitetônicos, os sedimentos e as ocupações historicamente conhecidas nos fornecem alguns resultados preliminares, mesmo com o material ainda em etapa inicial de análise.

A distribuição espacial global dos vestígios no sítio é expressiva: observa-se por um lado a ausência quase total de vestígios junto à fachada principal e no cômodo 10, enquanto que na área externa, que funcionou alternando níveis de ocupação e momentos de entulhamento teve seu nível alteado em 1.20m.

Da época do Goiás Club, foram encontrados, dentro dos cômodos, no nível dos borretos, objetos industrializados variados (alguns caídos através de frestas entre paredes e piso) como pentes de plástico, uma pulseira de prata, talheres, etc.; nos níveis superficiais da área externa, havia restos de copos e de garrafas de vidro, pedaços de vidraça, peças de fogão, tampinhas de lança perfume, eletrodos de projetor de filme, etc.

Cartuchos de munição, ilhozes de metal e uma série de fivelas padronizadas encontradas na área externa e no cômodo 9 -sem associação aparente com elementos arquitetônicos estariam correlacionados com o período de uso da casa como Depósito de material bélico.

Os tipos gráficos e as barras de separação evidenciados em associação com vestígios de um piso de lajes no cômodo 9 e com buracos para instalação de máquinas remetem incontestavelmente ao período de funcionamento no local da "Typographia Provincial".

A significativa quantidade de objetos de uso doméstico de faiança e de porcelana, como pratos, travessas, tigelas, remetem às ocupações de caráter residencial da própria Casa (a residência do professor de primeiras letras) e das casas vizinhas.

Do período da Fundição do Ouro temos vestígios numerosos e representativos; embora sendo uma das primeiras ocupações do local, com a maioria dos seus elementos originais destruídos em função de instalações subseqüentes e grande parte dos seus restos remanejados para depósitos secundários depois de sua desativação. Praticamente todos os seus vestígios foram identificados, assim como foram resgatadas as etapas do processo de fundição e sua localização.

⁸ Denominamos "borra" qualquer resíduo de b6rax solidificado, fundido com outras impurezas resultante do processo de fundição do ouro; em algumas, encontram-se agregados, pequenos grãos de ouro.

Os cadinhos para fundir ouro são de dois tipos: (a) de grafite, importados, os mais indicados devido à propriedade do grafite aquecido manter uma tensão superficial impedindo que o ouro aderisse às paredes do recipiente, além de serem os mais duráveis; (b) cadinhos mistos, provavelmente de fabricação local, feitos com restos de cadinhos de grafite triturados e misturados com argila. As copelas de farinha de osso encontradas foram utilizadas ou não: as primeiras são escuras e pesadas (absorvem o chumbo e outros metais pesados no processo de copelação) enquanto as outras são claras e leves; procedem de locais espacialmente distintos.

É plausível supor que as copelas fossem fabricadas no local devido à relativa simplicidade do método de fabrico e seu baixo custo. Têm como único inconveniente, mas de peso, o mau cheiro, já que a farinha de osso é obtida pela calcinação de ossos animais depois de perfeitamente secos (SHEPARD, 1940). Além da própria necessidade do produto que também é uma evidência, a documentação histórica não registra a sua importação. Atualmente, foram substituídas pelas copelas de magnésita a despeito de seu custo elevado.

As borras da fundição apresentam placas de sedimento aderido que podem estar relacionados a algum elemento arquitetônico das forjas conforme pode ser observado atualmente na META-GO, ou ser resultante da maneira de deposição desses dejetos, próximo ao seu local de utilização.

A maioria do equipamento que restou da Fundição (cadinhos, painéis de barro, garrafas de vidro, etc.) foi encontrado entulhando o tanque de escoamento de águas na área externa. O material recuperado é uma porção ínfima do que foi utilizado durante os 82 anos de funcionamento da Fundição no local e correspondente provavelmente a um último momento.

A remontagem de um copo de vidro cujos fragmentos estavam espalhados em diferentes níveis mostrou que o entulhamento ocorreu de uma só vez.

A ausência de determinados vestígios da Fundição ou a escassez de outros também são dados importantes e podem ser explicados pela obrigação de submeter a maioria dos objetos utilizados na fundição, até mesmo os componentes das forjas, aos moinhos de escovilhas para recuperar o chamado ouro das escovilhas de propriedade do rei. Portanto, os vestígios materiais que nos interessam primordialmente eram triturados e alguns deles, devido ao elevado custo da matéria prima, como os cadinhos de grafite, eram pulverizados e misturados com argila para confecção de novos cadinhos.

Devem também ser considerados os fatores pós-deposição: as borras de fundição revelaram se particularmente sensíveis à ação da umidade e da luz, decompondo-se rapidamente, o que impossibilita a localização de grandes quantidades de refugos que necessariamente estariam envolvidos no processo de fundição.

1. Análise evolutiva da edificação (vide croqui)

Com base nos vestígios arquitetônicos evidenciados na pesquisa arqueológica e na documentação histórica propomos o seguinte esquema evolutivo das adaptações que afetaram a edificação:

I. Num primeiro momento (174? /1750) teríamos uma ocupação de caráter residencial com casa de planta quadrada conforme o partido adotado nas residências goianas. Os elementos de canalização de água parecem ser contemporâneos ou poderiam mesmo ser anteriores a essa edificação (resta esclarecer sua vinculação à "agoada" mapeada em 1742 (MATTOS & BERTRAN, 1987));

II. Em seguida, a casa é adaptada (1751) para instalação da Fundição do Ouro. No cômodo voltado para o pátio interno é instalada uma oficina ou "lavor da fábrica" dispondo de uma forja e de óculos nas paredes para garantir a segurança do local; nesse momento, as funções de atendimento e de serviço/ oficina estariam reunidas em única edificação;

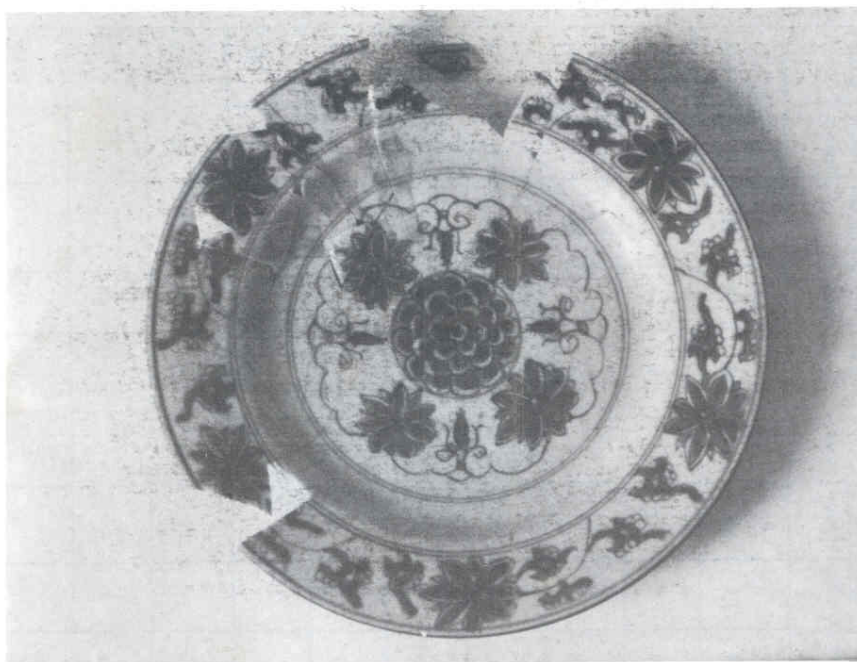
Categoria Procedência	Terra- cota	Faiança	Porce- lana	Vidro	Metal	Ossos animais	Diversos				Moedas	Peder- neiras	Total
							Cadinhos Grafite	Mistos	Cope- Las	Borras	Vá- rios		
Área externa 12	1.700	967	274	995	673	2.009	12	106		52	58	02	6.845
Galpão 09	436	13	95	9	129	287		11		28	06	01	1.097
Palco 10	24	14	02	04	09	28				01		01	83
Cozinha 08	567	05	05	25	43	646		27			05	01	1.314
Alpendre 07	84	25	13	36	94	09		07		02	04	01	275
Pátio interno 11	281	14	05	73	125	42		20	03	04	04		571
Saleta 04	95	03	01	19	23	27					14		182
Biblioteca 03	128	08	12	14	79	154		03	02		03	01	401
Salão 02	63			23	35	23					15		159
Vestíbulo 01	145	03	02	13	13	39						01	216
TOTAL	3.510	1.052	409	1.293	1.223	3.264	12	174	05	87	106	07	11.144

CORPO
INTERNO

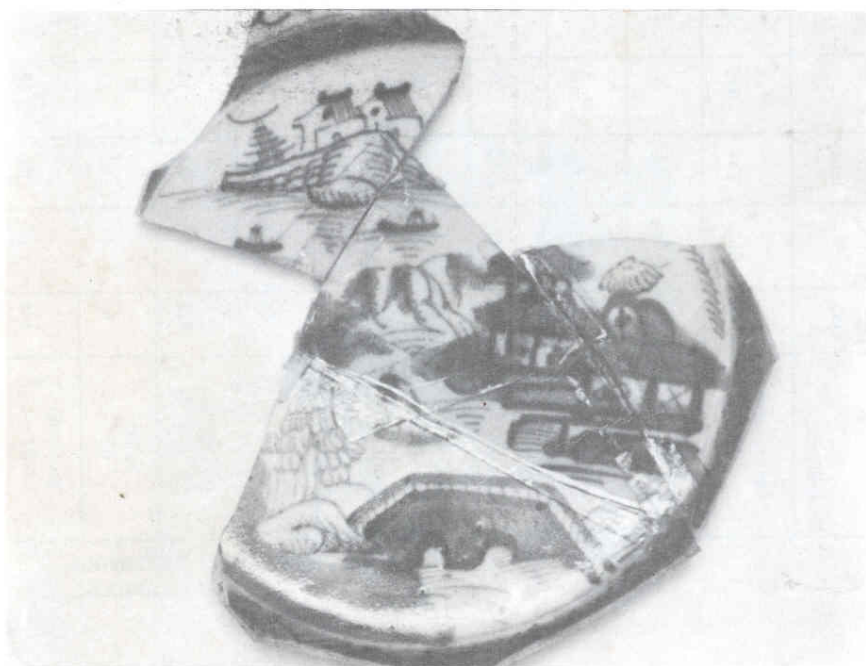
ÁREA DO MEIO

CORPO
PRINCIPAL

Fotos Catarina E. F. da Silva



(a)



(b)



(c)

Foto 7/9

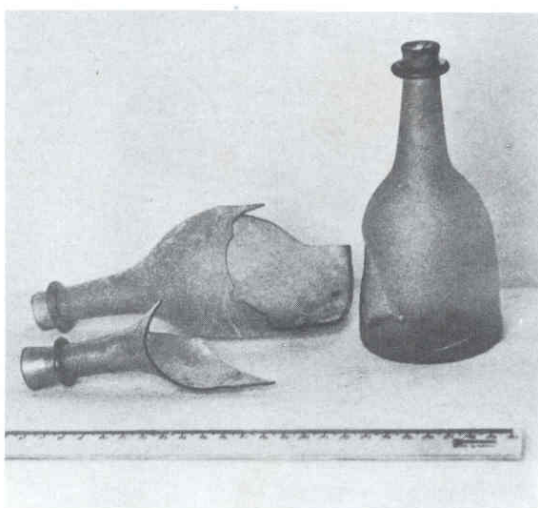
(a/b) porcelana chinesa séc. XVIII/XIX

(c) faiança inglesa séc. XIX



Fotos M^a José Belém

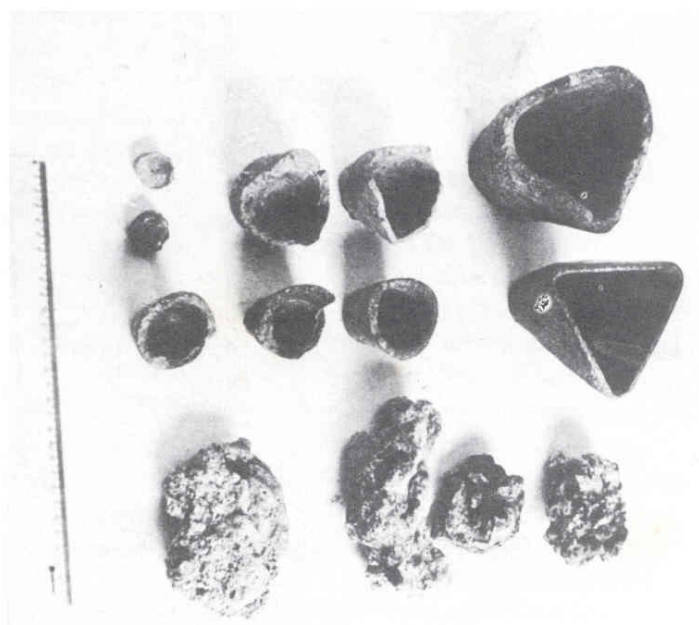
(a)



(b)



(c)



(d/f)

Fotos 10/13

Utensílios e resíduos de fundição da Casa da Fundição:

(a) garrafão de vidro escuro; (b) garrafinhas de vidro claro para guarda de reagentes químicos; (c) potes de cerâmica provavelmente fabricação local; (d) cadinhos de grafite e mistos; (e) copelas de farinha de osso (à esquerda, em baixo) e (f) borras de fundição (à direita).

III. A casa é ampliada com a construção (em taipa de pilão também) de um segundo corpo independente no interior do terreno para abrigar as forjas. Essa edificação seria posterior não se sabe de quanto - à adaptação da primitiva casa; sua construção poderia coincidir com o momento de maior produtividade das minas (1753) quando a oficina do corpo principal teria-se tornado insuficiente para atender à demanda, o que poderia ter levado à desativação da primitiva forja. Nessa época, temos um galpão longo com uma porta abrindo para o sul; anexo, um pequeno cômodo com porta voltada para o pátio interno. O sistema de canalização de água é mantido em atividade;

IV. Ampliação do corpo interior: construção de um cômodo na extremidade sul do galpão e conseqüentemente adaptação do telhado. Com a desativação da Fundição (1833) o sistema de abastecimento/ conduto de águas foi entulhado; a área externa é sucessivamente ocupada como pátio de serviços e local de despejo. Temos mais tarde uma grande reforma do prédio à época da Justiça Federal (1922): reconstrução das fachadas principal e do corpo interior, alteamento das paredes e adaptação do sistema de cobertura; alteamento do piso e colocação de tabuado;

V. O Goiás Club empreende uma série de reformas (1955): construção de um alpendre ligando os dois corpos da edificação, adaptação do galpão como local de representações teatrais; o pátio interno e o alpendre são cimentados enquanto a área externa é utilizada como local de despejo.

A Casa da Fundição de Goiás adotou, pois, partido semelhante ao das outras casas de fundição da época - fato determinado, sobretudo pelos requerimentos de uma fundição do ouro. Temos assim, uma área de serviço/ oficinas distribuídas em torno de um pátio interno e a recepção/administração voltada para a rua; em Goiás o Intendente da Casa residia numa casa anexa que comunicava com a Fundição por uma passagem externa. Por contingências de ordem econômica, principalmente, a casa foi sendo adaptada em função das necessidades do momento. Daí resultou uma casa de fundição de dimensões modestas com chão de terra batida, entretanto, de sólida construção de taipa a resistir através dos anos.

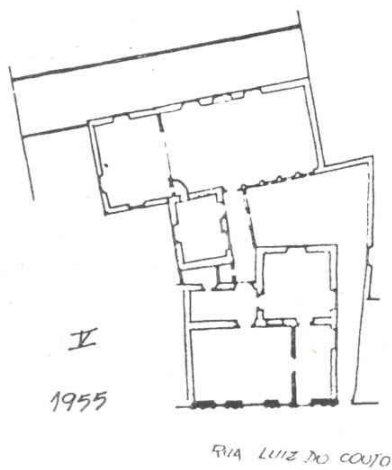
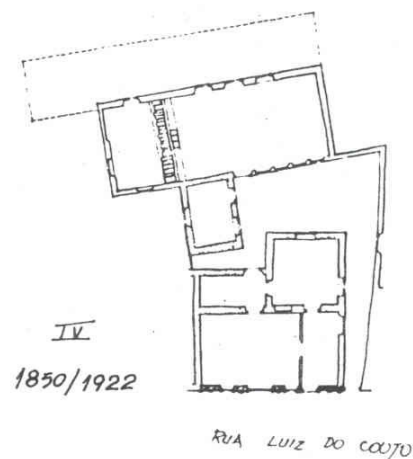
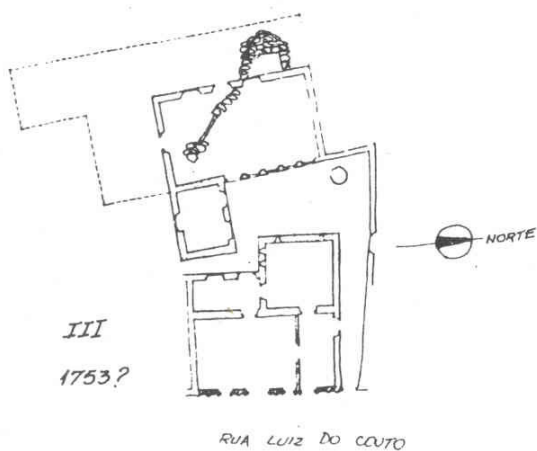
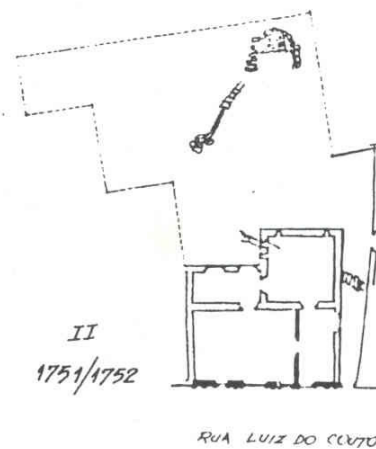
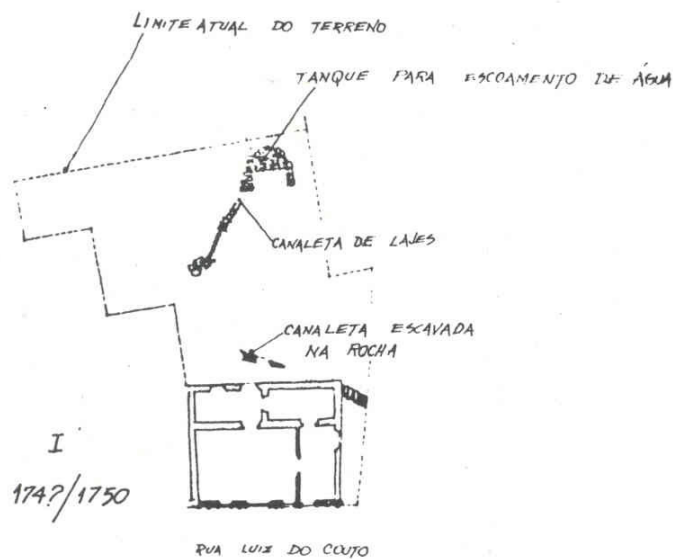
2. Organização espacial da Casa da Fundição do Ouro

No que se refere à organização espacial dos diferentes serviços da Casa à época do funcionamento da Fundição no local - cf. etapas II e III da análise evolutiva - temos a seguinte configuração:

Nos cômodos 1 e 2 devido à sua localização voltada para a rua, e ao achado de uma amostra de minério (possivelmente ali levada para testar o potencial aurífero de alguma jazida) funcionariam como local de atendimento ao público e de administração da Intendência.

No cômodo 8, temos uma sugestiva concentração de ossos animais que, associados a uma estrutura circular e às evidências históricas, sugerem o local de fabrico das copelas, peça fundamental no processo de copelação, na etapa de separação do ouro dos metais pesados. Esse local poderia fornecer a farinha de osso que, depois de preparada e moldada, constituiria as copelas novas como as encontradas no pátio interno isoladas ou em associações com sedimentos contaminados com alto teor de ouro.

A oficina de fundição propriamente dita, comprovadamente, localizava-se no cômodo 9 onde temos a associação de altos teores de ouro volatilizado em sedimentos, uma estrutura de combustão e a mais expressiva quantidade de restos materiais em deposição primária. As borras de fundição se concentravam na área externa e no cômodo 9, provavelmente no local de deposição inicial, próximo à forja de fundição. Os resultados das análises químicas de amostras de sedimento contaminado por ouro volatilizado indicam altos teores de ouro nas amostras procedentes do cômodo 9, da área externa e do pátio interno, evidenciando uma relação dos refugos com o processo de fundição; foi também detectada elevadíssima concentração de mercúrio no sedimento do tanque de escoamento de água na área externa (SILVA, H., 1987).



ANÁLISE EVOLUTIVA

Vários indícios fazem supor que, no trecho ampliado do cômodo 3, funcionou uma oficina; a descoberta no local de copelas usadas é um indício que no local poderia ter sido realizada a operação da copelação.

VII. Considerações finais

O estudo da cultura material fornece subsídios para uma variada gama de pesquisas. Além da contribuição formal à História, as informações que podem ser extraídas de determinados tipos de artefatos abrem várias possibilidades para o desenvolvimento de estudos pontuais permitindo aprofundar aspectos pertinentes à economia, tecnologia, comportamento social, etc.

A trajetória de vida de certos produtos industrializados, como os objetos de faiança e de porcelana importados, do momento de sua fabricação ao descarte, poderá revelar além de redes de transporte, rotas de comércio, hábitos de consumo, poder aquisitivo dos consumidores, durabilidade dos produtos, etc. Dentre os objetos industrializados coletados na Casa da Fundição que propiciarão estudos dessa natureza, foi encontrada uma malga de faiança chinesa do século XVIII da qual são assinalados exemplares idênticos no litoral de São Paulo e entre os objetos resgatados de uma nau afundada no litoral da Bahia (BRANCANTE, 1980).

Devido à situação de dependência da Colônia no suprimento de objetos industrializados e de seu elevado custo, os cadinhos de grafite, estavam fadados a percorrer um longo trajeto: eram importados da Boêmia através de Portugal que se enviava ao Rio de Janeiro que, por sua vez, inteiros ou em pedaços, os despachava para Goiás para serem reprocessados localmente; há notícias de que a Casa da Fundição de Goiás remeteu cadinhos e outros equipamentos para as Casas de Fundição de Cuiabá e de Vila Bela em Mato Grosso.

Uma expressiva quantidade de evidências descobertas no sítio -como canaletas, canos e bica em pedra sabão -remete ao sistema de abastecimento/escoamento de águas, resgatando algumas questões como a da perda da técnica da cantaria e a constatação da antiguidade das tentativas de controlar o regime hídrico do local tanto no que se refere ao controle das águas pluviais (no verão as enxurradas são freqüentes) quanto ao próprio abastecimento das residências. cremos que, além de apoiar o restauro esclarecendo determinados aspectos relativos à arquitetura e história da edificação, os resultados obtidos fornecem, sobretudo subsídios para uma variada gama de pesquisas que enriquecerão, de forma geral, a apreensão do comportamento humano naquela região durante parte de sua história. Assim, os conhecimentos acumulados serão usufruídos para promover o resgate da memória e investir no verdadeiro progresso, auxiliando o estudo de seus problemas contemporâneos, a partir do contexto mais amplo em que este trabalho pretende se inserir.

De forma geral, nós nos propomos ainda a levantar o máximo de dados sobre as outras ocupações da Casa, através do prosseguimento das análises, de algumas prospecções nos terrenos vizinhos, do estudo de documentos históricos inéditos e de exemplos etnográficos, para tentar suprir as lacunas da cronologia.

SILVA, C. E. F. & PARDI, M. L. A pesquisa arqueológica na Casa de Fundição do Ouro Goiás, GO. *Dédalo*, S. Paulo, pub. Avulsa, 1:238-261, 1989.

Agradecimentos

Agradecemos, em especial, ao Engenheiro Químico Hélio Garcia e à Geóloga Heloisa Helena A.B. da Silva, da MET AGO - Metais de Goiás, pela consultoria e realização das análises químicas; à Profª Drª Margarida Andreatta, do Museu Paulista da USP, pela consultoria; à Arqueóloga Eliethe Maximino da Universidade Católica de Santos pela identificação/ análise da pederneira e à equipe técnica da 8ª D. R. da SPHAN/FNPM e do Escritório Técnico da SPHAN/FNPM em Goiás.

SILVA, C. E. F. da & PARDI, M. L. F. The archaeological research in the Gold Melting House of Goiás. *Déda/o*, S. Paulo, pub. avulsa, 1 :238.262, 1989.

ABSTRACT: In this article the Gold Melting House of Goiás is analysed both in the urban nucleus context and in its exterior relationships -neighbour indigenous societies and urban centers like Rio de Janeiro, with which it maintained contacts. An evolutive analysis of the building pattern and the spatial organization of the Gold Melting House in the period 1752/1833 is proposed. The preliminary results come from the observed correlation among moving vestiges, architectonic elements, sediments and historically known occupations.

Bibliografia

BRANCANTE, E. *O Brasil e a Cerâmica Antiga*. São Paulo, 1980. 730 p.

GALVÃO JR., J. & Paulo Bertran *Evolução Urbana da cidade de Goiás no período colonial*. Arquivemória II, Belo Horizonte, MO. 1987.

LIMA, T. A. *Arqueologia Histórica: algumas considerações teóricas*. Comunicação apresentada ao I Seminário de Arqueologia Histórica SPHAN/FNPM, Rio de Janeiro. 1985.

MATTOS, A. S. & Paulo Bertran. *As Compras do Senhor Governador. Um estudo sobre a organização arquitetônica do poder em Vila Boa de Goiás*. Comunicação apresentada no Arquivemória II, Belo Horizonte, MG. 1987.

PALACIN, L. 1927 *O século do ouro em Goiás* – 3ª ed. - Goiânia: Oriente: Brasília, INL, 1979. 176p.

_____. *História de Goiás (1722-1972.*, Goiânia, Imprensa da UFGO. 124 p. 1975.

REIS, M. G. de S. 1982 *Projeto de restauração da Antiga Casa da Real Fundição de Vila Boa de Goiás*, “Casa da Fundição” sob a orientação da equipe técnica da 8ª DR/SPHAN/FNPM.

SHEPARD, D. C. & W. F. Dietrich. *Fire Assaying*. Stanford University, Califonia. 1940.

SILVA, H. A. B. da. *Descrição de Algumas Amostras de rocha e sedimentos provenientes da Casa de Fundição de Goiás, Metais de Goiás S. A. - METAGO*, Goiânia. 1987